



Jéssica Maiumi Gonçalves Diogo do Nascimento

**Escola e estigmas sociais: um olhar de Adolescentes em Medidas
Socioeducativas**

Taubaté
2023

Jéssica Maiumi Gonçalves Diogo do Nascimento

**Escola e estigmas sociais: um olhar de Adolescentes em Medidas
Socioeducativas**

Trabalho de Graduação submetido ao curso de Pedagogia
da Universidade de Taubaté para a obtenção do grau de
Licenciado(a) em Pedagogia

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa

Taubaté

2023

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

N244e Nascimento, Jéssica Maiumi Gonçalves Diogo dos
Escola e estigmas sociais : um olhar de adolescentes em
medidas socioeducativas / Jéssica Maiumi Gonçalves Diogo do
Nascimento. -- 2023.
47f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa, Departamento de
Ciências Sociais e Letras.

Coorientação: Profa. Dra. Cleusa Vieira da Costa,
Departamento de Pedagogia.

1. Educação e exclusão . 2. Adolescentes em medidas
socioeducativas . 3. Escola e preconceito. I. Universidade de
Taubaté. Departamento de Pedagogia. Curso de Pedagogia.
II. Título.

CDD – 370

Jéssica Maiumi Gonçalves Diogo do Nascimento

Escola e estigmas sociais: um olhar de Adolescentes em Medidas Socioeducativas

Banca examinadora

Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa
Orientador

Profa. Dra. Cleusa Vieira da Costa

Profa. Dra. Lindamar Alves Faermann

Taubaté, 2023.

“Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que me deu a oportunidade de realizar este curso e a coragem de superar os desafios encontrados pelo caminho.

Aos meus pais, marido e irmão por serem um suporte em toda a minha caminhada escolar e por toda paciência.

A minha filha Helena que cativou ainda mais a minha vontade de contribuir para o mundo, a fim de que seja um lugar melhor.

Ao meu orientador Silvio e a sua esposa que me auxiliaram em toda a trajetória deste trabalho. Eles são os exemplos de que a educação pode ser melhor com uma educação libertadora, inclusive contribuem para a vida de cada indivíduo que lecionam.

A OSC que contribuiu para a minha formação profissional e pessoal, demonstrando que os indivíduos excluídos da sociedade merecem uma nova chance.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me desencorajaram a continuar esse trabalho, dando-me forças para continuar, pois a minha voz não pode ser calada diante da injustiça de uma educação de qualidade para poucos.

RESUMO

Os adolescentes que cometem um ato infracional são conduzidos pela justiça a cumprirem medidas socioeducativas que podem favorecer o acesso a seus direitos e a mudança de vida. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescentes aqueles que possuem idade de 12 a 18 anos. Esses adolescentes vivenciam preconceitos em decorrência dos estigmas enraizados na sociedade que desencadeiam a exclusão, inclusive na educação. O objetivo do presente estudo é investigar a perspectiva desses jovens sobre a escola e a contribuição das medidas socioeducativas vivenciadas em uma Organização da Sociedade Civil (OSC). A pesquisa de cunho qualitativo e de natureza exploratória, foi realizada com dezesseis adolescentes, com idade entre catorze a dezoito anos, que cumprem medidas socioeducativas de Liberdade Assistida em uma OSC, sem fins lucrativos, localizada no Vale do Paraíba. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, pesquisa de campo, devidamente aprovada pelo Comitê de ética, a partir de um questionário com questões abertas e de múltipla escolha, com uma questão contendo palavras significativas em relação a escola. As questões estavam voltadas ao perfil do entrevistado, a trajetória escolar e a relação entre a OSC e o adolescente que cumpre medidas socioeducativa. Ao final do questionário propôs-se produção de desenho sobre a escola. Os dados foram tratados conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) com o apoio do suporte teórico levantado na pesquisa bibliográfica. Entre os resultados, observou-se que há sete adolescentes que não estão frequentando a escola e nove que estão frequentando. Em relação ao incentivo para estudar, prevaleceu o apoio familiar da mãe e as motivações recebidas no trabalho desenvolvido pela OSC. Sobre a experiência escolar, afirmam que a escola é boa, entretanto acreditam que a escola poderia ser diferente; quanto ao que foi ruim na escola, alguns apontaram os professores e quanto ao que foi bom, a maioria ressaltaram a amizade. Observa-se uma ambiguidade em relação à instituição escolar num cuidado de valorizar este espaço ao mesmo tempo que aponta seus aspectos negativos e possibilidades de ser diferente. Desse modo, prevalece no conjunto dos dados que os adolescentes valorizam a escola e que almejam mais momentos de lazer para obterem mais interesse nesse espaço. Por fim, espera-se a transformação do espaço escolar, a fim de proporcionar um ambiente acolhedor, equitativo e com uma educação de qualidade, para assim todos os alunos obterem uma aprendizagem integral e uma formação continuada.

Palavras-chave: Educação e exclusão. Adolescentes em medidas socioeducativas. Escola e preconceito.

Índice de Figuras

Figura 1 - Retrato da escola - aluno estudando	30
Figura 2 - Retrato da escola - momento de lazer	30
Figura 3 - Retrato da escola - educação física	31
Figura 4 - Retrato da escola - futebol.....	31
Figura 5 - Retrato da escola- pula corda e leitura	32
Figura 6 - Retrato da escola - momentos interativos	33
Figura 7 - Retrato da escola - a classe e a matemática.....	34
Figura 8 - Retrato da escola - a matemática.....	35
Figura 9 - Retrato da escola - método tradicional	36
Figura 10 - Retrato da escola - prisão	36

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 - Objetivo Geral.....	11
1.1.1 - Objetivos Específicos	11
2.REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Adolescência: fase de transformações	12
2.2 Medidas Socioeducativas	13
2.3 Estigmas sociais	13
2.4 A escola e os estigmas sociais.....	16
4.RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 – Perfil do grupo pesquisado	24
4.2 – Experiência Escolar	25
4.2.1 – Questões sobre a escola.....	25
4.2.2 – Palavras significativas referente a escola.....	28
4.2.3 – Desenhos	30
4.3 – A OSC e o público atendido	37
4.4 - Percepções dos adolescentes sobre a OSC	39
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase repleta de mudanças e conflitos, isto porque os adultos não conseguem compreender esse processo de transformação, intensificando-se quando o adolescente comete um ato infracional. Os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas vivenciam práticas discriminatórias pela sociedade, isto porque há um estigma de que esses jovens precisam ser excluídos devido suas práticas.

Esse contexto influencia na educação, sendo que em alguns casos o aluno não é incluído e não há um trabalho que atenda às necessidades desse adolescente, desencadeando dificuldades no desempenho escolar e na continuidade dos estudos. Sendo assim, a educação de qualidade não é ofertada para todos, pois segundo

Informações coletadas através do censo do Sistema Único da Assistência Social, referente ao ano de 2017, apontam que, 2577 Centros de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS), localizados no Brasil, acompanham 19.873 adolescentes em cumprimento de Liberdade Assistida (MDS, 2018). Desse quantitativo, verificou-se que apenas 1850 adolescentes foram efetivamente encaminhados para a escola. Nesse contexto, questiona-se: como está sendo realizado o acesso à escolarização dos outros 10 mil adolescentes, cujos dados da trajetória escolar não têm sido considerados? (Morais; Ferreira, 2019, p. 622).

Nesse sentido, a escola impõe aqueles que terão sucesso escolar e contribui para as desigualdades sociais, gerando um espaço rígido, culpabilizando o aluno e sua família, ou outros meios para retirar a sua responsabilidade. Então, a escola favorece uma classe social, valorizando sua cultura e desfavorece a outra classe, impondo regras e estigmas. Desse modo,

[...] os filhos das classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais “escolares” (Bourdieu, 1966, p. 55).

Os adolescentes precisam saber quais são os seus direitos, que merecem o respeito de todos e que precisam continuar os estudos, pois a aprendizagem transforma a vida do ser. A escola e a OSC em que cumprirá a medida socioeducativa são meios fundamentais para a conscientização do indivíduo em relação aos seus direitos, aos programas oferecidos pelo governo, o trabalho como menor aprendiz, a proporcionar momentos de lazer e o incentivo para continuarem os estudos.

Por isso, a necessidade de compreender a adolescência e os estigmas pejorativos que vivenciam devido o cumprimento das medidas socioeducativas. Além disso, a importância de impedir que os estigmas influenciem na educação, pois muitas escolas praticam a exclusão, desencadeando o fracasso escolar e a evasão.

Ora, se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideias democráticas, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios (Bourdieu, 1966, p. 53).

A desigualdade e os privilégios para as classes favorecidas e para os alunos que seguem os padrões sociais predominam esse local que deveria ofertar um ensino de qualidade a todos.

Nesse contexto, a escola favorece uma camada social e não garante um ensino de qualidade que estimule o interesse dos alunos das camadas desfavorecidas para continuarem os estudos. Sendo que a escola possui um papel fundamental na vida desses adolescentes, podendo proporcionar um espaço de acolhimento, aprendizagem e segurança.

Por isso, o estudo almeja compreender a perspectiva dos jovens em relação a escola, para observar se a escola está ofertando um ensino de qualidade e se há estigmas, para assim exigir políticas públicas que alterem esse cenário. Ademais, observar se a OSC está contribuindo para a vida dos adolescentes, a fim de que sejam reinseridos na sociedade, compreendendo quais são os seus direitos, principalmente o da educação.

1.1 - OBJETIVO GERAL

- Investigar a perspectiva sobre a escola de jovens em situação de medidas socioeducativas de liberdade assistida atendidos por uma entidade social do Vale do Paraíba.

1.1.1 - Objetivos Específicos

- Identificar a visão de escola de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas;
- Verificar a repercussão da participação na entidade social para os adolescentes na condição de medida socioeducativa.

Organização do trabalho

O trabalho foi organizado em cinco seções, a primeira é esta introdução com as informações sobre o trabalho; a segunda é uma revisão da literatura com o suporte teórico levantado em pesquisa bibliográfica sobre a temática que contempla quatro subitens, que o primeiro retrata o adolescente, com o intuito de compreender essa fase conturbada, já o segundo subitem ressalta a medidas socioeducativas para entender o seu significado, o terceiro expõe os estigmas enraizados na sociedade referente a esses jovens e o quarto destaca a educação e a sua relação com o adolescente que cumprem medidas socioeducativas. Na terceira seção é apresentada a metodologia para explicar como o trabalho foi elaborado e a quarta retrata a pesquisa de campo, que o primeiro subitem demonstra os dados sobre o perfil dos adolescentes que participaram da pesquisa, o segundo a experiência escolar, o terceiro o público atendido pela OSC e o quarto a relação do adolescente com a OSC. Por fim, conclui-se com a última seção que traz as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho selecionou alguns textos, a fim de ampliar o conhecimento sobre o tema pesquisado. Por isso, esta seção reúne as reflexões encontradas nas pesquisas, como a adolescência e a fase de transformação, medidas socioeducativas, estigmas sociais e a educação e os estigmas. Essa base teórica proporcionou um suporte para a construção do questionário, que foi utilizado na pesquisa de campo, e para a análise dos dados levantados.

2.1 ADOLESCÊNCIA: FASE DE TRANSFORMAÇÕES

A adolescência é constituída de mudanças corporais, emocionais e comportamentais que são desencadeados pelas alterações hormonais, como por exemplo, a mudança no tom de voz do sexo masculino. Essa fase contempla os indivíduos com idade de 12 a 18 anos segundo o Estatuto da Criança e Adolescente, o qual lhes assegura o direito à liberdade, vida, respeito, saúde, dignidade, convivência familiar e comunitária, a guarda, adoção, tutela, além de não poderem sofrer maus tratos. Algumas características são comuns nessa fase, como a:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (Knobel *apud* Alves, 2020, p. 2 e 3).

Em decorrência das alterações, os adolescentes almejam uma nova identidade, inclusive desejam encaixar-se nos ciclos de amizade, sendo que alguns grupos de amigos não seguem as regras de convivência. Dessa forma, muitos adolescentes são influenciados a não seguirem as regras ou, até mesmo, a cometerem atos infracionais, a fim de serem aceitos nos ciclos de amizade. Nos meios familiares é comum haver desentendimentos e distanciamentos entre os adultos e adolescentes, dada as dificuldades de se compreender e aceitar o processo de transformação.

É comum que alguns adolescentes desejem vivenciar algo novo, como por exemplo, a utilização de bebidas alcoólicas, entorpecentes, brigas e entre outros. Esses acontecimentos intensificam os desentendimentos entre os adolescentes e adultos, isto porque na sociedade há uma concepção do que é considerado correto e que deve ser seguido, sendo que qualquer indivíduo que não contemple essa concepção é excluído e punido. Nesse sentido, o processo de mudança vivenciado pelo adolescente não é compreendido.

Em concordância com os pensamentos de Freud, o processo de transição entre infância e adolescência é um momento doloroso, pois é preciso lidar com muitas mudanças em um curto

prazo de tempo, a descrença nas fantasias infantis, novas escolhas e pensamentos, a busca por novos saberes e por novas experiências (Freud *apud* Alves, 2020, p. 3).

Apesar dessas transformações, o adolescente é julgado pela sociedade, principalmente quando comete algum ato infracional, desconsiderando que deveria ser orientado a encontrar a sua identidade, seus sonhos e caminhos. Além disso, o ato infracional intensifica a dificuldade em conseguir um emprego de qualidade. Considere-se que os jovens das camadas desfavorecidas almejam adentrar no mercado de trabalho para ajudarem a família ou suprir suas necessidades. Entretanto, a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) determina que o adolescente pode trabalhar a partir dos 14 anos, dessa forma, muitos começam a trabalhar informalmente ou ilegalmente, atrapalhando, em muitos casos, o rendimento escolar.

2.2 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Na definição sobre as medidas socioeducativas tomou-se como referência informações do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, na parte sobre Medidas Socioeducativas.

O adolescente que comete um ato infracional (ação de uma criança ou adolescente que é considerada um crime ou uma contravenção penal) possui uma determinação judicial para cumprir medidas socioeducativas que podem ser em liberdade, em meio aberto, ou em privação de liberdade com internação. A medida socioeducativa em Liberdade Assistida não impede o contato com os familiares e com a sociedade, mas esse jovem é acompanhado pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) que orientará sobre as medidas que devem ser cumpridas ou sobre outros serviços de assistência social.

As prestações de serviços à comunidade são distribuídas conforme as habilidades dos adolescentes e, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, devem ser atividades gratuitas, de interesse geral e que podem ocorrer nas entidades assistencialistas e programas comunitários, governamentais ou não, em um período inferior a seis meses.

2.3 ESTIGMAS SOCIAIS

Ao cometer um ato infracional, o adolescente é julgado pela 2ª Vara da Infância e da Juventude que determinará qual das medidas socioeducativas será cumprida. Entretanto, apesar desse adolescente cumprir a sua medida, ainda assim, vivencia práticas de preconceitos que contribuem para sua exclusão, desconsiderando os fatores que desencadearam esses atos e o cumprimento da medida.

Os estereótipos que estão enraizados na sociedade foram implantados ao decorrer das décadas, uma vez que o indivíduo ideal é aquele que aceita a sua condição econômica, a marginalização, a precariedade e não se opõe às classes altas da sociedade. Dessa forma, quando o capitalismo foi introduzido reforçou o estereótipo de que os indivíduos precisam trabalhar, recebendo o mínimo para sobreviver e não podem se opor a isso, ou seja, o indivíduo nasce pobre, vive em condições precárias que não serão melhoradas. As ideias mencionadas perpetuam a atualidade, visto que os adolescentes que nascem em uma família pobre precisam se contentar com empregos que pagam o mínimo, bem como a formação até o ensino médio, isso se conseguirem se formar, a precariedade higiênica e entre outros, ou seja, o pobre não possui nenhum favorecimento, ele:

[...] não é apenas alguém com pouco, ou nenhum dinheiro. Não. Ele é pobre em tudo! Se já se chamou, anteriormente, a atenção para a atualidade da teoria da privação cultural, é ao dar espaço para falar sobre a pobreza que ela surge com toda a sua garra. Com toda a sua violência contra o ser humano (Collares; Moysés, 1996, p. 190).

A pobreza também impõe a concepção de inferioridade, subordinação e criminalidade, desencadeando desconfiança referente ao indivíduo, a permanência nas condições que vivenciam e a sensação de superioridade da classe dominante. Nesse sentido:

Ser pobre é consequência de um modelo de desenvolvimento político imposto ao país; ser pobre é nascer numa casa em que já se era pobre. Ser pobre é ser indolente, desajustado, agressivo, marginal. Culpado de todos os males que afligem o país (Collares; Moysés, 1996, p. 189).

Outro preconceito enraizado na sociedade é de que os negros não conseguem aprender, todos são pobres, subordinados ou envolvidos com a criminalidade. Essa concepção foi reforçada ao decorrer dos anos da história da humanidade, como exemplificado por Patto (2015, p. 52):

Em 1803, Saint-Simon (cf. Poliakov, p. 199), por exemplo, opunha-se com veemência aos que defendiam o princípio da igualdade: “Os revolucionários aplicaram aos negros os princípios de igualdade: se tivessem consultado os fisiológicos teriam aprendido que o negro, de acordo com sua organização, não é susceptível, em igual condição de educação, de ser elevado à mesma altura de inteligência dos europeus”.

Observa-se que uma imagem pejorativa sobre os negros sustentava-se em supostas bases científicas, dando a essas ideias forças que ainda se perpetuam na atualidade. Outro estereótipo está relacionado com aqueles indivíduos que cometem algum ato infracional, sendo imediatamente excluídos e não conseguem sua reinserção na sociedade.

Ao decorrer dos anos a classe dominante implantou concepções referente à classe dominada, a fim de permanecerem em sua realidade e de não haver oposições. Collares e Moysés (1996, p. 27) afirmam que as reivindicações importantes que ocorreram obtiveram uma resposta da sociedade:

[...] no sentido de biologizar as questões sociais que se haviam transformado em foco de conflitos. Nesse processo, sempre houve o respaldo de uma ciência de matriz positivista, cujos interesses coincidem com os de uma determinada classe social. Porém, essa corrente filosófica insiste sempre em se apresentar como ciência pura, neutra, objetiva, como se não fosse construída por homens concretos, inseridos em um sistema social estratificado em classes, com motivações contraditórias. Enfim, apresenta-se como Verdade Absoluta. Ou, se preferirmos, como dogma da fé. Ou, ainda preconceito.

Dessa forma, o sujeito precisa aceitar a situação que nasceu, sendo que muitos adolescentes convivem com a criminalidade, pobreza, abusos psicológicos e sexuais, violência, falta de higiene e entre outros fatores que prejudicam a dignidade e direitos dos indivíduos. Esses fatores são intensificados para aqueles indivíduos que habitam na periferia e carregam uma marca cultural pejorativa, conforme ressaltam Krenzinger e Soares (2020, p. 27):

As violências que mais atingem as crianças e adolescentes nas periferias dos grandes centros urbanos são múltiplas expressões da questão social que se caracterizam pela desigualdade social e pelo racismo estrutural; pela negligência dos responsáveis e fragilidade dos atendimentos da rede de proteção social; pela falta de acesso a políticas sociais que garantam condições mínimas de alimentação saudável, acompanhada de educação e saúde integrais; pela violência doméstica, que se manifesta por maus-tratos, abandono do lar, ameaça, abuso de autoridades, tortura e abuso sexual; pela exploração do trabalho infantil e exploração sexual comercial; pela discriminação étnico-racial; pela discriminação quanto a orientação sexual; pela intolerância religiosa; pela falta de acesso às políticas de lazer e cultura; e, finalmente, pela vulnerabilidade às dinâmicas criminais, devido à violência que atravessa o território, tradução local hipertrofiada da insegurança urbana.

Entretanto, a violência também afeta os indivíduos da classe social dominante, mas os casos não são divulgados a fim de manterem uma “boa aparência”, como afirmam Collares e Moysés (1996, p. 143):

Embora as ocorrências policiais e as notícias da imprensa reflitam, quase que exclusivamente, os casos de violência contra a mulher e contra a criança ocorridas nos segmentos mais pobres da população, isto é, na periferia, a realidade é diferente. Alcoolismo, violência contra a mulher e os filhos e, ainda mais claramente, a “síndrome do espancamento” e a psicose pós-parto, não são privilégios de nenhum grupo social; não respeitam a classe social. Ocorrem em todos os estratos. Apenas, não são tornados públicos nas classes média e alta. Fato compreensível, em função dos valores destes grupos.

Este tratamento desigual das situações de marginalidade das diferentes classes sociais contribui para reforçar os preconceitos em relação aos adolescentes e jovens das classes socialmente desfavorecidas. Considere-se ainda que muitos tem dificuldade de ter acesso aos programas de assistência que lhes são garantidos por lei, o que pode contribuir para que acabem sendo recebidos em outros meios, como por exemplo, a criminalidade.

O conjunto de fatores que influenciam diretamente na trajetória dos indivíduos, não costumam ser considerados nas diferentes percepções que circulam no meio social, isto porque há a concepção de que basta o indivíduo querer algo e se esforçar para aquilo, que ele conseguirá alcançar. Como por exemplo, se o indivíduo almeja se formar no Ensino Médio, basta ele frequentar as aulas e se dedicar,

entretanto, não observa-se o contexto que está inserido, pois alguns precisam trabalhar em tempo integral para ajudar no sustento da família, algumas meninas ficam grávidas, moram muito longe da escola. Assim, acredita-se na meritocracia em que as oportunidades foram oferecidas para todos, mas os indivíduos não souberam aproveitar, pois alguns conseguiram se formar com êxito, desconsiderando que precisa ser oferecido equidade, ou seja, uma adaptação para que todos possuam condições de ter acesso às oportunidades. Com isso, Bourdieu (1966, p. 59) ressalta que:

O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons.

Conclui-se que os estereótipos são propagados desde a infância dos indivíduos, sendo que os da classe economicamente baixa são os mais prejudicados. Em diversos meios são divulgadas essas concepções, como nas escolas, mídias, centros de atendimento ao público, entre outros.

2.4 A ESCOLA E OS ESTIGMAS SOCIAIS

A propagação dos estigmas sociais nas instituições escolares começa desde a Educação Infantil, ou seja, nessa fase se inicia a classificação dos alunos, baseados nas situações econômicas, familiares e apreciações da equipe escolar. Nesse sentido, Collares e Moysés (1996, p. 26) afirmam que:

O cotidiano escolar é permeado de preconceitos e juízos prévios sobre os alunos e suas famílias, que independem e não são abalados por qualquer evidência empírica que os refute racionalmente. A explicação para o fracasso escolar recai sempre sobre o aluno e os seus pais: Crianças não aprendem porque são pobres, porque são negras, porque são nordestinas, ou provenientes de zona rural; são imaturas, são preguiçosas; não aprendem porque seus pais são analfabetos, são alcoólatras, as mães trabalham fora, não ensinam os filhos...

Apesar da Constituição Federal de 1988 assegurar no:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Ainda assim, o processo educacional é permeado de estigmas que não incentivam a permanência e contribuem para a exclusão do aluno, ou seja, o direito daquele indivíduo não é assegurado, desencadeando em muitos casos a evasão ou o fracasso escolar. Dessa forma:

O sistema educacional, ao longo de suas diferentes etapas, estabelece filtros que conduzem à seleção dos melhores. Gusso (1988) aponta que o insucesso escolar está relacionado a fatores sociais, econômicos e culturais, como a pobreza e a exclusão social (Borja; Martins, 2014, p. 94).

A instituição escolar deveria ser um espaço de acolhimento e inclusão, entretanto algumas propagam estereótipos quando classificam os melhores alunos e excluem outros, desencadeando o sentimento de não pertencimento àquele local, retirando o sentido de aprendizagem e despertando a sensação de incapacidade. Esses alunos, então passam a buscar acolhimento em outros meios, como por exemplo, nas ruas em que a criminalidade ocorre constantemente, como bem afirma Krenzinger e Soares (2020, p. 22):

A ausência de vínculo com a escola tende a ser apenas um elemento entre outros, embora, chave na constelação de fenômenos desafiadores que vulnerabilizam crianças e adolescentes, expondo-os aos circuitos da violência, à dinâmicas estigmatizantes e a processos institucionais de criminalização, que reproduzem e aprofundam o racismo estrutural e as desigualdades.

Neste processo de marginalização, contribui o fato de alguns docentes utilizarem apenas um método de ensino, desconsiderando que cada indivíduo aprende de uma forma diferente e acabam por desencorajar os alunos que passam a acreditar que não possuem capacidade de aprender. Observa-se neste contexto que se utiliza de comentários desnecessários para afirmar que esses alunos não vão conseguir e culpabilizam outros meios pelo fracasso, desconsiderando o papel da escola.

Mas restringir-se a isso significaria abdicarmos de nos interrogar sobre a responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades sociais. Se essa questão é raramente colocada, é porque a ideologia jacobina que inspira a maior parte das críticas dirigidas ao sistema universitário evita levar em conta realmente as desigualdades frente ao sistema escolar, em virtude do apego a uma definição social de equidade nas oportunidades de escolarização (Bourdieu, 1966, p. 53).

O aluno perde o interesse pelos estudos e não acredita em si, desencadeando o mau comportamento em sala de aula e a dificuldade na aprendizagem que levam à repetência ou os alunos são aprovados para a próxima série, mas não conseguem se apropriar dos conhecimentos ensinados naquele ano. Em relação à reprovação a UNICEF (2021, p. 11) indica que:

[...] a reprovação escolar, ao contrário de ser uma oportunidade para que crianças e adolescentes sejam bem-sucedidos, cumpre o papel de perpetuar as desigualdades, de empurrar para fora do sistema educativo as parcelas mais vulneráveis da população, produzindo exclusão ano a ano e ameaçando a efetivação do direito à educação de crianças e adolescentes.

Os educandos acabam desistindo dos estudos, perdem o direito à educação e a melhores condições de vida, um destino construído desde quando adentraram na escola. Um contexto agravado pelo fato de que:

[...] a maioria das crianças e dos adolescentes que estão fora da escola ou em risco de exclusão é do sexo masculino, negro, vive em família de baixa renda e tem pais ou responsáveis com pouca escolaridade (Krenzinger; Soares, 2020, p. 24).

A desistência nos estudos gera grandes malefícios para o indivíduo, pois em alguns casos o adolescente não sabe escrever, não possui acesso aos conhecimentos ensinados na escola, o que contribui para uma baixa autoestima e dificuldade para se conseguir bons empregos.

Entretanto, alguns alunos continuam os estudos, apesar da situação de exclusão e dos estereótipos impostos pela escola. Esses alunos causam indignação na equipe escolar que observam atentamente o comportamento e fracasso escolar, a fim de destacar que eles não conseguem, como bem ressalta Collares e Moysés (1996, p. 227):

Na maioria, predomina a introjeção do rótulo, do estigma. Outras, brigam bravamente, resistem. Até, aprendem, contra tudo e contra todos. Lutam, com um vigor exuberante. Aí, são “agressivas”. Crianças sofridas. Fisicamente, assumem uma postura fletida. Curvam-se, dobram a coluna, como se carregassem sobre os ombros um peso enorme. O peso do não-aprender. O peso do estigma. O peso da inserção social.

Essa realidade evidencia as diferenças de classe, sendo que aquele aluno não pode sonhar ou desejar mudar a sua realidade, isto porque está destinado a permanecer na pobreza e não terminar os estudos ou apenas concluir o Ensino Médio. O incentivo aos estudos não ocorre desde a Educação Infantil e quando o aluno conclui o Ensino Médio, já é visto como uma grande conquista, pois está fora da realidade de muitos jovens. Os estudantes não são incentivados a fazerem cursos ou adentrarem na universidade, pois conforme o estereótipo da sociedade, isto é permitido apenas para a classe dominante. Entretanto, esse contexto não é atual, mas disseminado ao decorrer dos anos, conforme explanado por Dubet (2003, p. 33):

Assim, a escola estava como que protegida da exclusão social. Estava tão mais protegida que os alunos, os quais são hoje qualificados como “excluídos”, saíam da escola assim ao concluir a escolaridade obrigatória e não “incomodavam” a vida dos ginásios nem a dos cursos colegiais e muito menos a da universidade.

Algumas instituições escolares não se adaptam para a realidade de seus alunos, ou seja, possuem regras e normas que são impostas a todos independentemente do contexto de cada um, como por exemplo, obriga que todos os alunos cheguem no horário estipulado, entretanto se um dia o ônibus que o discente utiliza atrasar e ele chegar atrasado, deverá ir embora, impedindo que o aluno se justifique. Há um estereótipo que todos os alunos estão: dispostos para estudar, desconsiderando que alguns moram longe da escola, sendo que precisam pegar mais de uma condução e acordar mais cedo; bem psicologicamente e afetivamente, ignorando que os alunos possuem problemas familiares, financeiros e sociais; alimentados quando chegam na escola, mas muitos alunos realizam as suas refeições apenas na instituição de ensino; com acesso à cultura escolar, ou seja, compreendem a

linguagem formal, possuem material escolar, inclusive acesso a livros e locais culturais, entretanto não é a realidade de muitos alunos.

Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (Bourdieu, 1966, p. 53).

Os alunos que não seguem as regras impostas e não possuem “um bom comportamento” na sala de aula, ou seja, aquele que não aceita tudo sem se manifestar e possui dúvidas sobre o que está sendo ensinado, este é o aluno rebelde que não conseguirá se formar e obter sucesso em sua trajetória.

Portanto, é preciso acatar as exigências impostas pela escola, se submetendo às normas disciplinares, aceitando o funcionamento hierárquico, os conteúdos não interessantes e a competição, sendo que o sistema escolar tende a desconsiderar diferenças individuais, socioeconômicas e/ou culturais dos estudantes (Bazon; Silva; Ferrari, 2013, p. 177).

Nesse contexto, há a busca pelos responsáveis do fracasso escolar que sempre recai sobre o aluno que é “preguiçoso” e não buscou continuar os seus estudos porque não quis, desconsiderando as reais causas que o levaram a essa atitude. Outra justificativa para o fracasso é que o aluno possui alguma deficiência e por isso não consegue aprender, dessa forma retira a responsabilidade da instituição escolar, sendo uma prática utilizada há muitos anos.

[...] Vial (1985) afirma: “A noção de débil mental serviu, na verdade, como defesa do sistema escolar existente. Construída a partir do modelo de retardo profundo, permite atribuir unicamente à criança a origem de seu fracasso escolar. Implica em que não se leve em conta a possível responsabilidade da escola no fracasso de inúmeras crianças” (*Apud* Collares; Moysés, 1996, p. 125).

A culpabilização recai sobre os familiares também, isto porque acredita-se que eles não incentivaram ou forçaram o suficiente para que o indivíduo continuasse os estudos. Além, de que alguns não possuem escolarização, então os alunos estavam destinados a não estudarem, ou que as famílias não participavam das reuniões ou tarefas escolares, desconsiderando que alguns trabalham em período integral e não conseguem participar. Dessa forma, há muitos estereótipos sobre a família e pouco entendimento da realidade e necessidades que deveriam ser atendidas pela escola. Entretanto, há apenas o julgamento, desinteresse e a culpabilização:

[...] invocam-se, frequentemente, explicações tão vagas como a “vontade dos pais”. Mas, de fato, pode-se ainda falar de “vontade”, a não ser num sentido metafórico, quando a investigação mostra que “de maneira geral, existe concordância plena ente a vontade das famílias e as orientações tomadas”, ou, melhor dizendo, na maior parte dos casos, as famílias têm aspirações estritamente limitadas pelas oportunidades objetivas? (Bourdieu, 1966, p. 46 e 47).

As instituições escolares ao culpabilizar os outros setores esquecem-se do papel fundamental que possuem no processo de aprendizagem, criando um espaço em que os alunos não desejam estar e buscando um culpado para o fracasso, ao invés de buscar soluções e compreender o contexto de

vida de cada indivíduo. Os docentes acabam por contribuir nesse processo quando apresentam as justificativas de que possuem muitos alunos, que são mal remunerados, ou que não são valorizados, ou que os alunos não se comportam, que não há uma formação continuada, não há apoio da instituição escolar, sendo que em muitos casos, culpabiliza-se os alunos e os familiares, pois:

Na maioria das vezes, a imagem que têm das famílias de seus alunos é totalmente preconceituosa, limitando-se a rótulos e jargões. Porém, mesmo quando conhecem minimamente a vida real da criança, este conhecimento não é empregado como intuito de ajudá-la, de criar novas estratégias de ensino; não apenas serve para justificar e legitimar o processo de segregação e seleção que sofre na instituição (Collares; Moysés, 1996, p. 167).

Portanto, acompanha este processo de construção de justificativas a ausência de uma metodologia que favoreça a permanência do aluno e possa garantir um ensino de qualidade, conforme previsto na Constituição Federal de 1988. Nesse sentido, a educação ao invés de possuir um papel transformador, contribui para o processo de exclusão, principalmente daqueles alunos que não estão dentro dos padrões impostos pela sociedade. Algumas instituições escolares não realizam ações para incluir e transformar a vida daqueles alunos que cometem algum ato infracional, mas contribuem para a sua exclusão e conseqüentemente para a evasão, criando padrões de que esses alunos não conseguirão terminar os estudos e que já possuem um futuro determinado.

A classe dominante reafirma seus estigmas em que a educação é para poucos e que os indivíduos não devem ser seres conscientes e críticos, isto porque é preciso manter as classes e conseqüentemente que os indivíduos convivam com o ambiente da criminalidade.

As instituições escolares podem conhecer a realidade de cada aluno, bem como apoiá-los e ajudá-los conforme suas possibilidades. Além disso, deve construir um ambiente em que todos da equipe escolar se sintam acolhidos, seguros e pertencentes. Os alunos que cometem algum ato infracional devem ser acolhidos, orientados e atendidos de forma que sejam incentivados a permanecerem com os estudos. Implantar projetos que abordem a criminalidade e outros temas que estão no cotidiano dos alunos, inclusive implantar uma educação que seja uma prática da liberdade, conforme defendido pelo ilustre Paulo Freire (1983), em que os alunos sejam conscientes de suas realidades e busquem transformá-la. Possibilitar que a comunidade, familiares e alunos participem das decisões, soluções de problemas, eventos e práticas educativas da escola.

Os planejamentos das aulas podem atender as necessidades dos alunos e suas realidades, além de abordarem temas atuais, sendo assim, o professor pode estar atento com os alunos e obter uma boa relação, de forma que os alunos sintam confiança e compartilhem seus sentimentos e problemas.

Portanto, pode-se concluir de que se é possível reformular a educação de forma que todos os alunos obtenham um desenvolvimento integral e possam mudar a sua realidade, assim aquele aluno que cometeu algum ato infracional poderá se reinserir na sociedade de forma que compreenda a realidade que vive e busque modificá-la. Dessa forma, é importante que as OSC incentivem os adolescentes a mudarem as suas vidas e a continuarem os seus estudos, assim como a instituição que participou deste trabalho. Considera-se ainda que os estudos podem contribuir para encontrar um emprego e oferecer boas condições para se continuar os estudos, como no Ensino Superior, pois há um alto índice de adolescentes que não estão estudando, conforme os dados dos questionários.

3. METODOLOGIA

Os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, convivem com os estigmas que estão na sociedade, influenciando, conseqüentemente, na educação. Com isso, o presente trabalho objetiva investigar a perspectiva desses adolescentes em relação a escola e se há contribuições da OSC. Na busca de responder aos objetivos desse estudo delineou-se um caminho metodológico da pesquisa bibliográfica, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o assunto e a pesquisa de campo para conhecer a realidade desses adolescentes.

As pesquisas bibliográficas iniciaram-se em junho de 2022, sendo a base consultada, para a pesquisa, o Google Acadêmico e a biblioteca da Universidade de Taubaté. Os temas selecionados para a pesquisa foram: a evasão escolar, fracasso escolar, escola e exclusão, adolescentes que cumprem medidas socioeducativas e direitos dos adolescentes. Após a seleção de alguns artigos, ocorreu a leitura dos resumos para verificar se o assunto trabalhado contribuía para a presente pesquisa. Os artigos selecionados foram lidos e verificou-se: suporte teórico, o percurso metodológico utilizado e as principais conclusões.

Para a pesquisa de campo, após aprovação pelo Comitê de Ética, foi importante a colaboração da OSC que fez algumas orientações, como a aplicação do questionário pelos assistentes sociais, devido a preservação da imagem e do bem-estar dos adolescentes. Dessa forma, o questionário (Anexo 1) foi pensado de maneira que atendesse os objetivos da pesquisa e que fosse de fácil compreensão para o aplicador e para o adolescente. A elaboração do questionário, ocorreu após a leitura da pesquisa bibliográfica, contendo questões que contemplavam o perfil do adolescente, a experiência escolar e a relação do adolescente com a OSC. Entre as questões, doze eram abertas e de múltipla escolha, sendo que uma sugeria que escrevessem três palavras referentes a escola e a última sugeria a elaboração de um desenho sobre a escola.

Os assistentes sociais aplicaram os questionários com o consentimento de dezesseis adolescentes, e de seus respectivos responsáveis, que cumprem medidas socioeducativas em Liberdade Assistida com o intuito de compreender a perspectiva em relação a escola. Além da contribuição da OSC para a aplicação dos questionários, esta organização disponibilizou dados quantitativos sobre o número de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em Liberdade Assistida, a idade de cada um e a escolaridade.

Após a aplicação dos questionários, os dados foram sistematizados, sendo divididos nos tópicos perfil dos adolescentes, experiências escolares e relação do adolescente com a OSC. Na apresentação das falas os participantes foram categorizados como P com o seu respectivo número e as falas foram transpassadas iguais aos do questionário.

Os dados foram analisados de acordo com a proposta de análise de Bardin (2011) e dos fundamentos teóricos que foram levantados na pesquisa bibliográfica. Neste sentido, realizou-se uma leitura flutuante dos dados coletados, posteriormente dividiu-se os dados em dois blocos distintos sendo o primeiro relacionado ao perfil dos participantes da pesquisa e o segundo, composto pelas questões abertas e fechadas (associação de palavras, desenhos), referente a experiência escolar dos adolescentes, os dados da OSC e a percepções dos adolescentes sobre a OSC. Em seguida procedeu-se a uma análise mais aprofundada de cada bloco, apresentados a seguir nos resultados e discussões.

No mês de outubro do corrente ano o trabalho foi apresentado no XII CICTED - Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento, divulgando os dados desse trabalho e a necessidade de mudanças na sociedade e na educação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção os dados analisados foram apresentados da seguinte forma: o perfil do grupo pesquisado para conhecer esses adolescentes; percepções sobre as experiências escolares, este tópico dividido em três subitens - as questões sobre a escola, as palavras significativas e os desenhos, a fim de compreender a trajetória escolar e se havia estigmas nesse espaço; a OSC e o público que atende com o objetivo de conhecer o trabalho da instituição e os adolescentes que frequentam; e por fim as concepções dos adolescentes referentes a OSC para observar se a instituição contribui para as suas vidas.

4.1 – Perfil do grupo pesquisado

Observa-se, primeiramente, na questão de gênero o predomínio do sexo masculino, em relação aos adolescentes que cometem um ato infracional, pois segundo os dados do Relatório da Pesquisa Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto de 2018, há mais homens do que mulheres, isto porque há 104.143 homens e 13.104 mulheres. Esse predomínio pode ser visualizado na pesquisa, isto porque dos dezesseis adolescentes, apenas duas são do sexo feminino e ninguém assinalou a opção “outros” ou “prefiro não declarar”.

Quanto ao trabalho, considera-se que os adolescentes podem trabalhar a partir dos 14 anos, conforme previsto na CLT, entretanto as desigualdades e a falta de oportunidades afetam esses indivíduos, pois muitos estabelecimentos não oportunizam vagas para aqueles que possuem histórico na justiça e almejam contratar jovens que se destaquem na educação. Além disso, alguns jovens não são orientados para adentrarem no mercado de trabalho, apesar de que a educação poderia oferecer um suporte e incentivar esses adolescentes a trabalharem, como por exemplo, apresentar para os alunos os programas existentes para iniciar no mercado de trabalho.

Assim, esses adolescentes passariam menos tempo nas ruas em contato com a criminalidade e possuiriam dinheiro para contribuir com a família. Nesse sentido, Dubet (2003, p. 30) ressalta que “Para uns, o desemprego e a precariedade dos jovens advêm da falta de adequação entre formação e emprego”, ou seja, é necessário que haja uma transformação na educação, a fim de contribuir de maneira integral na vida dos alunos. Essa situação é percebida entre os respondentes, isto porque apenas cinco trabalham.

Os adolescentes podem trabalhar como jovem aprendiz a partir dos 14 anos de idade até 24 anos, sendo essa oportunidade muito importante para a inserção do jovem no mercado de trabalho, isto porque o indivíduo vivencia um processo de aprendizagem, com acompanhamento de um funcionário, com atividades e carga horária que pode realizar pautados na lei e não pode estar sujeito a nenhum tipo de risco, como por exemplo, abuso físico. Assim, o jovem está trabalhando de forma

que não prejudique o seu desenvolvimento e integridade. Contudo, a vaga de jovem aprendiz não atende aos adolescentes que participaram da pesquisa, isto porque dos cinco adolescentes participantes, quatro exercem atividades que não são contemplados nas vagas de jovem aprendiz e alguns que ultrapassam o horário estimado, como o ajudante (trabalha 8 horas por dia), pedreiro (trabalha das 8 às 17:30), entregador de marmitex (período da manhã) e de concerto de bicicleta (período integral).

O trabalho pode influenciar na continuação dos estudos, até mesmo porque há um gasto para bancar os estudos, assim dois adolescentes com dezoito anos não continuaram os estudos e um de dezessete anos que trabalha em período integral com concertos de bicicletas interrompeu os estudos. Além de pararem de estudar, há dois adolescentes que trabalham e estão com distorção idade série, isto pode ocorrer por causa do esforço físico existente nas funções de seus trabalhos, pela carga horária extensa e pela desvalorização da escola. Assim, há um adolescente com dezesseis anos que está no 8º ano e trabalha com entrega de marmitas e um adolescente com dezessete anos no 8º ano que trabalha como pedreiro em uma carga horária exaustiva de oito horas e meia. Para a UNICEF (2021, p. 11) a distorção idade série desencadeia a exclusão, pois ao invés de proporcionar uma oportunidade para esses adolescentes serem bem-sucedidos, faz com que esses jovens desistam.

A pesquisa mostra que há sete adolescentes que não estão na escola, com idades variadas entre 14 e 18 anos. A sociedade reafirma os estigmas de que o sucesso escolar é para poucos e a escola desencoraja esses alunos, que decidem “[...] não mais participar de uma competição na qual eles não têm nenhuma chance de ganhar” (Dubet, 2003, p. 41), reafirmando as desigualdades sociais.

4.2 – Experiência Escolar

Os dados levantados nos questionários, coletados a partir de questões sobre a escola, da associação de palavras, por meio da palavra indutora escola e os desenhos, proporcionaram uma visão de como estes adolescentes percebem a escola.

4.2.1 – Questões sobre a escola

A escola é um espaço valorizado na sociedade, por isso há a concepção de que esse local é bom e que todos precisam se adequar a ele. Por isso, há a falsa concepção de que todas as escolas transformam a vida dos estudantes para melhor. Segundo Bourdieu (1966, p. 41):

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

As instituições escolares são diferentes, ou seja, não são todas que almejam uma educação que valorize os alunos e queira transformar a vida desse ser. Por essa razão, é preciso compreender

as experiências ruins dos alunos para verificar se a escola está oferecendo um ensino de qualidade e incentivando a continuação dos estudos. Na questão do que foi ruim na escola os participantes apontam:

P4 *Os professores;*

P10 *Os professores;*

P13 *Aula de sociologia (professor)*

P14 *A comida da escola e a diretora.*

Além de perceber os aspectos ruins é necessário compreender quais são as mudanças sugeridas, a fim de transformar esse espaço, sendo que os adolescentes sugerem:

P1 *sem os alunos que fazem bagunça;*

P3 *sugeri Futebol no recreio;*

P9 *disse que sendo boa, os alunos respeitarem os professores colocar tecnologia junto aos estudos;*

P10 *sugere sem matéria;*

P11 *com as informações da escola que construímos nossos objetivos;*

P13 *poderia ser menos grades, menos vigiados;*

P16 *mais sports e sala de informática.*

Ao decorrer das respostas percebeu-se uma contradição em algumas respostas, pois o P1 ressalta nos aspectos ruins *a diretora e os professores*, entretanto destaca no que poderia ser diferente *os alunos que fazem bagunça*, ou seja, apesar da escola obter aspectos ruins, ainda assim o problema recai sobre o aluno e retira a responsabilidade da instituição.

Os docentes podem contribuir para os alunos e proporcionar um ensino de qualidade, conforme salientado pelo P8:

Os professores são bastante legal, ensinam tudo direitinho e caso não entendo eles explicam novamente.

Contudo, alguns professores podem desmotivar os alunos e causar experiências ruins, assim quatro adolescentes ressaltam a figura do professor na questão do que foi ruim na escola. Ademais, na questão de quem incentivou os estudos, nenhum adolescente relata o professor.

No relato dos adolescentes percebe-se que a escola é importante, entretanto sugerem momentos mais atraentes, com os lazeres até mesmo porque na sociedade não há muitos locais de lazeres, sendo a escola uma oportunidade desse contato, pois dois alunos sugerem que a escola deveria ter mais momentos com esportes e um fala de informática, além de que na questão sobre o que foi bom na escola o SUJ 13 ressalta a *Aula de educação física, intervalo* e o SUJ 16 *O intervalo*.

Em outros termos, a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social e, mais precisamente, das oportunidades de ascensão pela escola condicionam as atitudes frente à

escola e à ascensão pela escola – atitudes que contribuem, por uma parte determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou a suas normas e de nela ter êxito; de realizar, portanto, uma ascensão social – e isso por intermédio de esperanças subjetivas (partilhadas por todos os indivíduos definidos pelo mesmo futuro objetivo e reforçadas pelos apelos à ordem do grupo), que não são senão as oportunidades objetivas intuitivamente apreendidas e progressivamente interiorizadas (Bourdieu, 1966, p. 49).

A falta de acolhimento desses alunos, desencadeia algumas evasões, como o caso do P9 que possui 17 anos e não está mais estudando, e relata que a escola foi boa e em relação ao que foi bom, ressalta *O aprendizado, as pessoas boas na escola, respeito fazer novas amizades*. Entretanto, ocorreu um processo excludente que desencadeou a evasão, o que pode ser evidenciado na fala do participante em relação ao que foi ruim. *Não entender algumas matérias, chegar atrasado por que perde a matéria, cometer bullying*.

A criança que simplesmente sai da escola, que entra nas estatísticas de “evasão escolar”, é a que já foi retida várias vezes e que sabe que será reprovada mais uma vez. Não abandona, é expulsa. É o retrato final do fracasso (Collares; Moysés, 1996, p. 196).

Todos os participantes relatam que a escola foi “boa” ou “muito boa” e nenhum assinala a opção ruim, ressaltando os pontos bons da escola, conforme as seguintes falas:

P1 *aprender mas as coisas;*

P2 *Eu voltar a rotina que eu já gostava antes rever os amigos poder ocupar a cabeça com as coisas boas da escola;*

P5 *Os professores;*

P7 *O aprendizado;*

P8 *Os professores são bastante legal, ensinam tudo direitinho e caso não entendo eles explicam novamente;*

P10 *Tudo;*

P11 *Aprendizado;*

P14 *As amizades, o conhecimento que eu ganhei estudando.;*

P15 *Os amigos e a comida*

Observa-se que os adolescentes compreendem a importância da escola em relação a aprendizagem e também há o reconhecimento dos laços de amizades criados nesse meio. A amizade é um fator de extrema importância para o desenvolvimento dos adolescentes que precisa ser incentivado pela instituição escolar, entretanto algumas influenciam a más condutas. Para Bazon, Silva e Ferrari (2013, p. 178) pode ocorrer aprendizagens divergentes e infracionais na instituição escolar, por causa da relação entre os estudantes.

Entretanto, dentre os cinco adolescentes que relatam a aprendizagem em relação ao que foi bom na escola, quatro não estão estudando, ou seja, esses alunos reconhecem a importância da aprendizagem, mas devido a diversos fatores foram excluídos desse espaço.

Buarque (2011) ressalta que a educação no Brasil, além de pobre e incompetente, é uma fábrica de desigualdades que, ao invés de criar identidades e integração nacional, visando à minimização da evasão escolar, cria, ao contrário, desigualdades que dependem apenas da renda familiar, do nível de escolarização de seus pais ou da cidade, onde a criança viva (Buarque *apud* Borja; Martins, 2014, p. 100).

Em relação à pessoa que incentivou os estudos, todos os adolescentes obtiveram o incentivo de alguém da família, ou seja, ninguém assinalou o professor ou algum integrante da equipe escolar. A figura materna é a que mais aparece, isto porque catorze adolescentes ressalta a mãe como incentivadora a estudar, ainda há a concepção de ser a única responsável pela educação dos filhos. O pai é pouco relatado, sendo que apenas seis adolescentes lhes destacam, além disso, três ressaltam os avôs e avós, dois o padrinho, um a madrinha e um o tio.

Este dado converge com os estudos de Lahire (1997) que chamou a atenção para o mito da omissão parental, pois os professores acreditam que os pais não se importam com os filhos, porque não é presente na escola ou possuem fracasso escolar pelo desinteresse dos pais. Entretanto, os pais querem que os filhos sejam melhores que eles, inclusive que possuam um emprego em melhores condições. Dessa forma, os pais incentivam seus filhos aos estudos e desejam que obtenham mais sucesso do que eles obtiveram.

4.2.2 – Palavras significativas referente a escola

Foi proposto que os adolescentes destacassem três palavras que lembrassem a escola e escreveram 45 palavras, sendo que as que mais apareceram foram a *amizade* e o *professor*. Nesse sentido, o docente pode marcar a vida desses estudantes positivamente ou negativamente, isto dependerá da conduta que irá adquirir. Apesar do docente ser o destaque nas respostas, ainda assim um adolescente citou a tia da merenda e outro a diretora em suas respostas.

As disciplinas escolares são citadas pelos alunos, ou seja, lembra-se dos conteúdos que são ensinados que podem ter sido apreendido ou obter uma dificuldade de compreender com um ensino tradicional, sendo que dentre as respostas há duas que destacam as *atividades* e os *exercícios*, que em muitos casos, são repetidos diversas vezes para o aluno aprender, ou decorar. Na pesquisa surgem palavras como: a *matemática*, *geografia*, *as aulas* e *estudar*, ressaltando os ensinamentos na sala de aula e dois alunos ressaltam as *matérias* e a *Língua Portuguesa*.

As instituições escolares são rígidas e obrigam os alunos a seguirem as regras e os padrões, sendo que aqueles que não seguem são considerados “rebeldes” e, na maioria dos casos, precisam conviver com as consequências de serem excluídos, de ir para a diretoria, de serem suspensos ou tomarem advertências. Nesse sentido, um dos participantes destaca a *disciplina* como o primeiro fator

que lembra sobre a escola e também ressalta a *diretoria*. Dessa forma, o aluno não se sente acolhido naquele local e não percebe a sua importância. Para Bourdieu (1966, p. 58):

[...] as crianças das classes populares que não empregam na atividade escolar nem a boa vontade cultural das crianças das classes médias nem o capital cultural das classes superiores refugiam-se numa espécie de atitude negativa, que desconcerta os educadores e se exprime em formas de desordem até então desconhecidas.

Essa rigidez da escola, é amenizada com os momentos de lazer que geram envolvimento e prazer nos alunos. Assim, nas respostas percebe-se esses aspectos quando os adolescentes escrevem as seguintes palavras: *recreio, educação física, intervalo e futebol*.

Os estudos demandam um gasto em que muitas famílias não conseguem manter, por isso a importância de políticas públicas que auxiliem os alunos que não possuem boas condições financeiras. Nesse sentido, os alunos precisam gastar com transporte, roupas, alimentos e materiais escolares, quando não são disponibilizados pelo governo, além de pagarem a instituição de ensino quando não é pública. Ao decorrer das respostas surgiram os materiais utilizados nas escolas como: *estojo, caderno* (surge duas vezes), *régua, lápis, tesoura e bolsa*. Além disso, muitas famílias não possuem condições financeiras para comprar alimento, ou seja, alguns alunos vão para a escola para poderem comer, afetando no rendimento escolar, pois não possuem uma qualidade de vida. Em uma das respostas da pergunta o adolescente coloca a palavra *refeição*.

Entre os fatores que propiciam menor índice de rendimento e evasão escolar, no que se refere a estudantes de nível socioeconômico mais baixo, são apontadas a má alimentação e a consequente desnutrição (Borja; Martins, 2014, p. 95).

Os estudos permitem uma mudança de vida, pois possibilita que o indivíduo compreenda a situação que se encontra e que queira mudar a sua realidade e as injustiças da desigualdade social. Além de proporcionar suporte para adentrarem no mercado de trabalho e orientar para conhecerem as oportunidades que existem. Observa-se essa conscientização da importância dos estudos para os participantes nas seguintes palavras: *lucros, carro, dinheiro e trabalho* (surge duas vezes), assim almejam um projeto de futuro que precisam estudar para ser alguém e ter condições para suprir suas necessidades e sonhos.

Na lista de palavras também surge *alunos e sala* que são fundamentais para a formação da escola. Um dos participantes coloca a única palavra *cadeia*, demonstrando como esse espaço foi traumático para ele, assim a escola precisa rever as suas práticas, a fim de acolher a todos, mudar essa concepção do aluno e proporcionar um ensino de qualidade e equidade, pois:

O cotidiano escolar é o espaço onde se concretiza a produção do fracasso escolar (Patto, 1990). Somente por meio de rupturas nessa muralha de preconceitos, será possível construir uma escola politicamente comprometida com a classe trabalhadora (Collares; Moysés, 1996, p. 260).

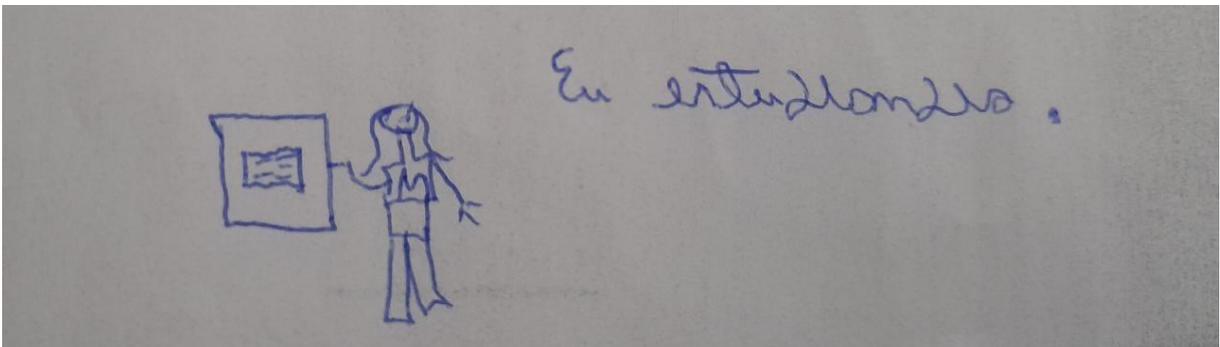
4.2.3 – Desenhos

A última questão do questionário propunha que os participantes fizessem um desenho retratando a escola. Dos 16 respondentes, onze adolescentes fizeram os desenhos que foram organizados em três blocos: a escola como espaço de estudos; a escola como diversão; escola tradicional.

4.2.3.1 – A escola como espaço de estudos

A importância que os estudos possuem e a sensação gratificante fazem com que o indivíduo se sinta mais valorizado, por isso nesse desenho percebe-se que o P1 quis fazer um desenho de si, valorizando essa prática.

Figura 1 - Retrato da escola - aluno estudando

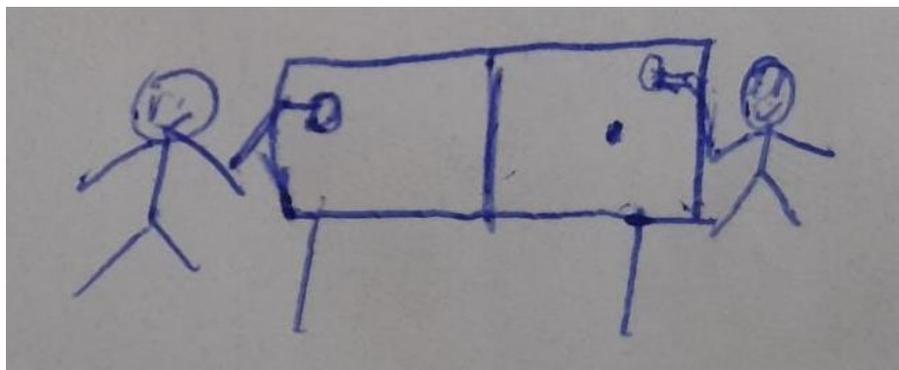


Fonte: Acervo da pesquisa.

4.2.3.2 – A escola como diversão

Os desenhos retratando os momentos de lazer são predominantes, isto porque é o momento mais significativo para esses adolescentes e que em muitos casos não possuem contato fora da instituição. Dessa forma, o esporte é muito retratado, como no desenho abaixo em que dois alunos brincam de ping-pong com uma expressão feliz.

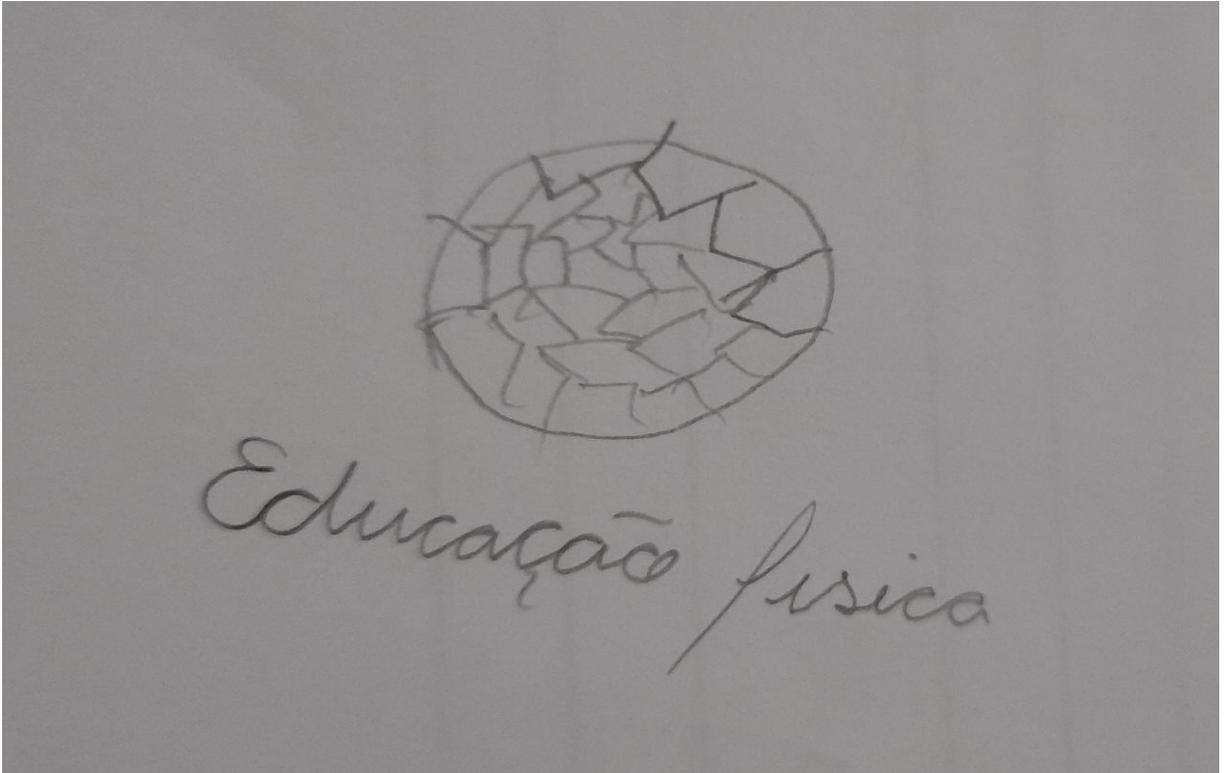
Figura 2 - Retrato da escola - momento de lazer



Fonte: Acervo da pesquisa.

As aulas de educação física possibilitam o contato dos alunos com o esporte, sem a pressão do que precisa ser feito, mas compreendendo que cada um possui um ritmo.

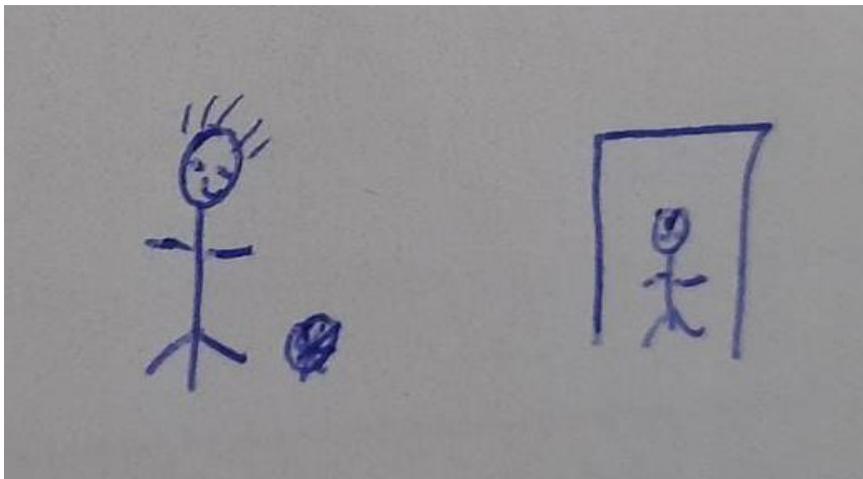
Figura 3 - Retrato da escola - educação física



Fonte: Acervo da pesquisa.

O futebol é um esporte popular no Brasil em que muitos jogadores mudam a condição financeira de suas famílias, incentivando o desejo de muitos indivíduos para esse esporte, a fim de mudarem a sua realidade.

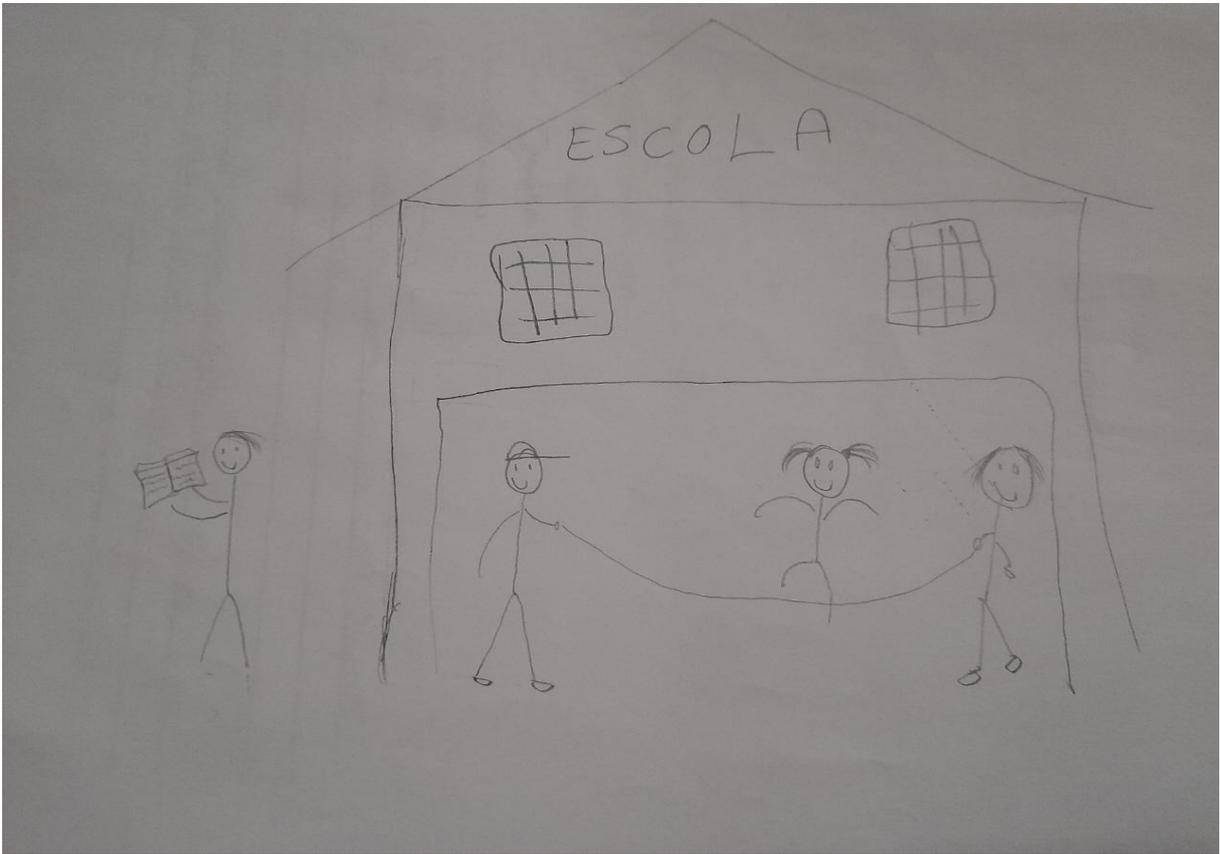
Figura 4 - Retrato da escola - futebol



Fonte: Acervo da pesquisa.

Além do esporte, um dos participantes desenha a brincadeira de pular corda e um aluno lendo um livro, duas práticas descontraídas em que os indivíduos estão com expressões felizes.

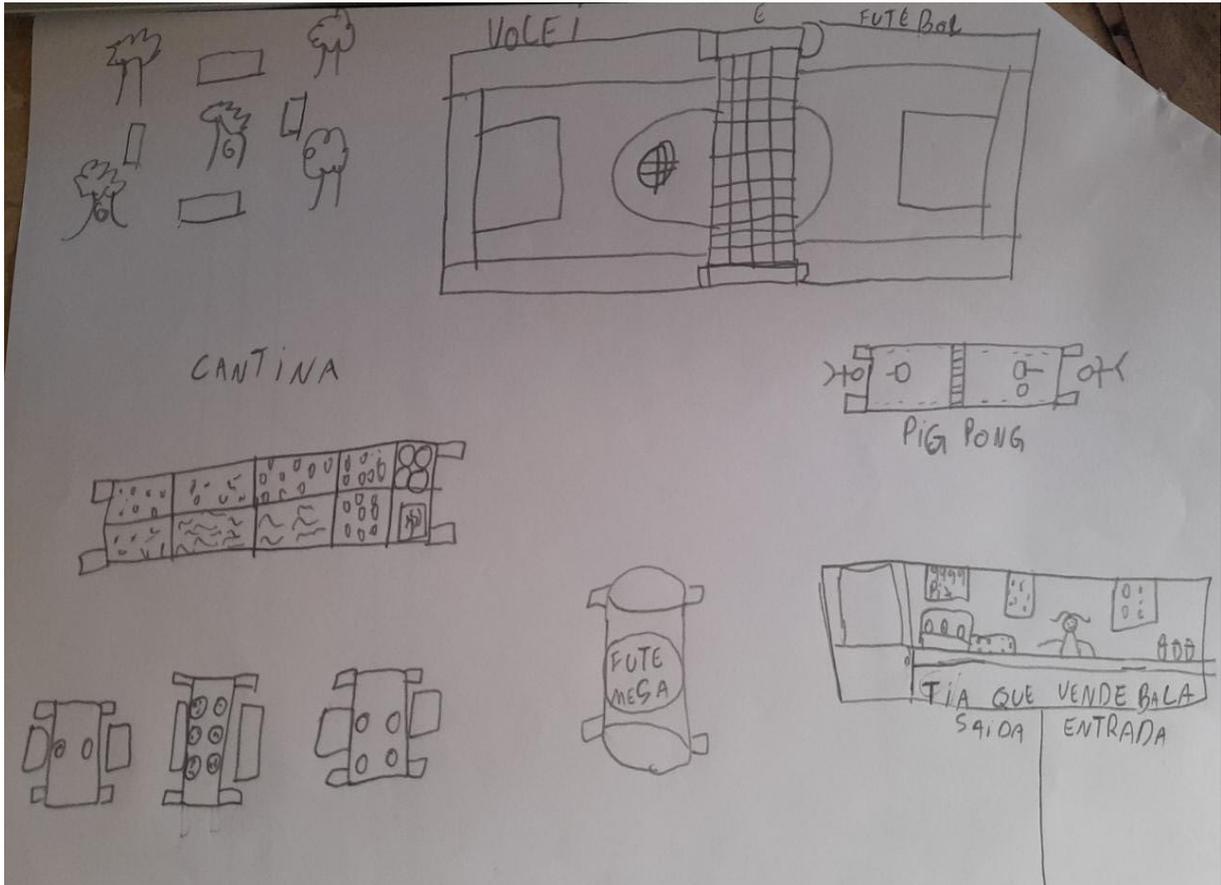
Figura 5 - Retrato da escola- pula corda e leitura



Fonte: Acervo da pesquisa.

Esse sujeito abaixo desenha os pontos importantes da escola para ele, assim é retratado os lugares de esporte, ou seja, quadra de futebol e vôlei, mesa de ping-pong e mesa de futmesa. A cantina, o local que vende doces, o espaço ao ar livre e a entrada e a saída, assim percebe-se que os locais de lazer predominam nesse desenho, sendo que a sala de aula e os espaços formais não são inseridos.

Figura 6 - Retrato da escola - momentos interativos



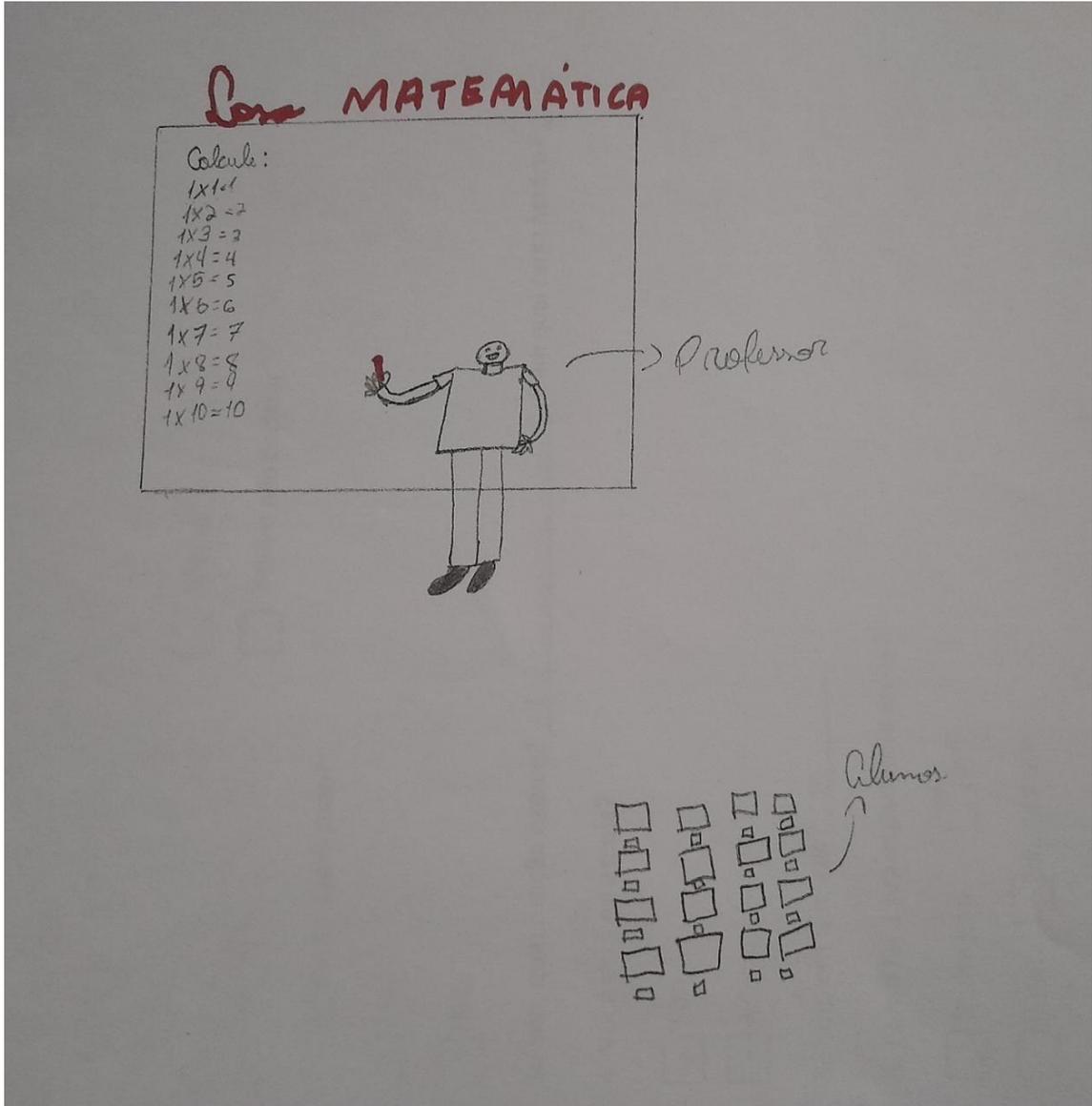
Fonte: Acervo da pesquisa.

4.2.3.3 – Escola tradicional

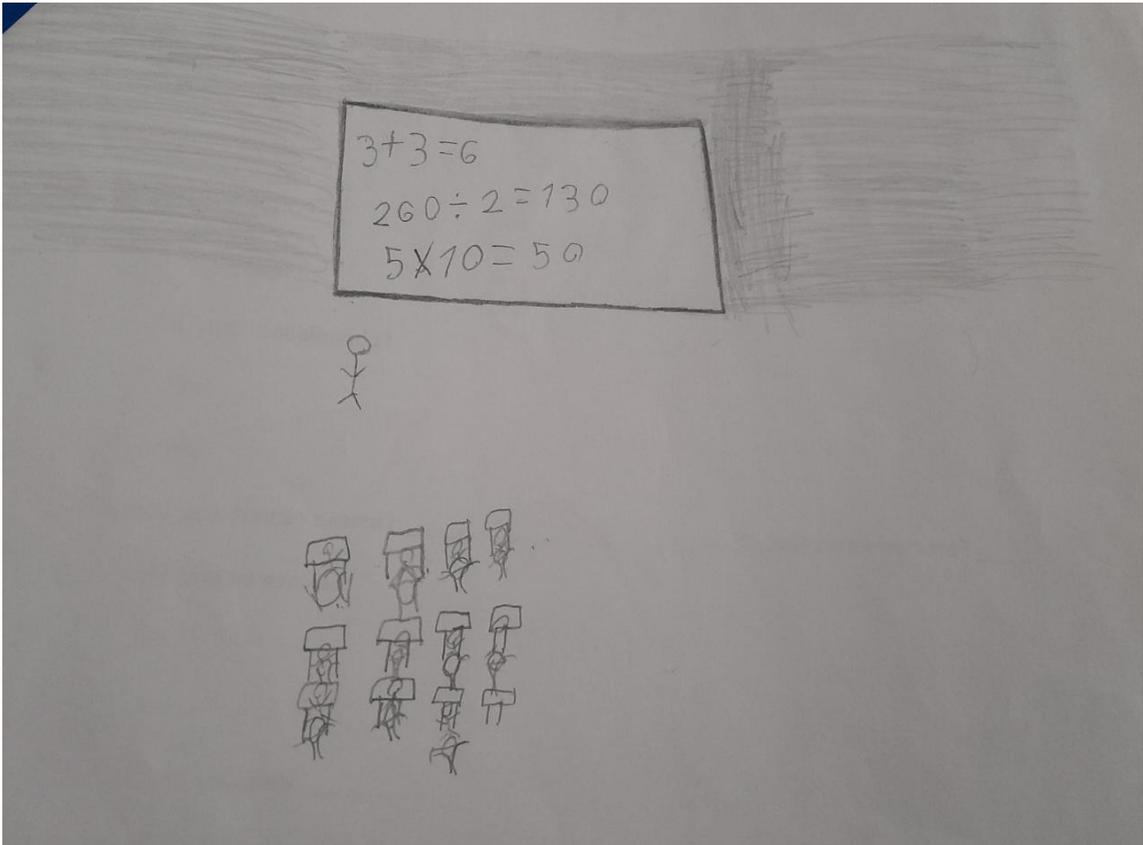
Alguns docentes, ensinam a matemática de forma tradicional em que todos os alunos precisam realizar diversos exercícios e não compreendem o seu sentido, desencadeando traumas. Assim, três alunos desenharam a matemática e dois fizeram o docente maior que os alunos mostrando quem é que manda na sala de aula e os alunos bem pequenos como se não tivessem espaço de voz. Dessa forma, a escola implanta ações que contribuem para as desigualdades sociais presentes na sociedade, reforçando que a culpa é do próprio aluno, assim:

Uma das consequências desse sistema é que a escola aparece justa e “neutra” no seu funcionamento, enquanto as injustiças e as desigualdades sociais é que são *diretamente* a causa das desigualdades escolares (Dubet, 2003, p. 32).

Figura 7 - Retrato da escola - a classe e a matemática

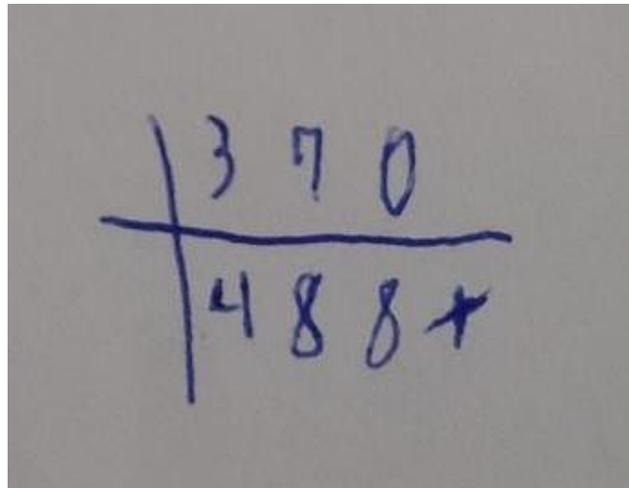


Fonte: Acervo da pesquisa.



Fonte: Acervo da pesquisa.

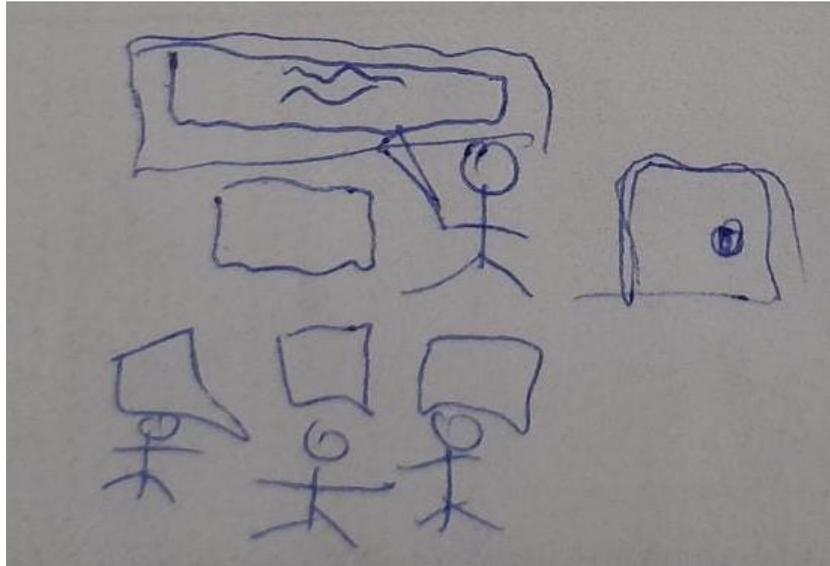
Figura 8 - Retrato da escola - a matemática



Fonte: Acervo da pesquisa.

O método tradicional em que o docente escreve os conteúdos na lousa e explica, com as carteiras dos alunos dispostas no formato enfileirado, e estes precisam acatar as ordens do professor, são percebidas na figura 8:

Figura 9 - Retrato da escola - método tradicional



Fonte: Acervo da pesquisa.

Esse modelo de ensino não favorece o interesse do aluno e nem sua participação nas aulas, pois todos alunos são considerados iguais sem considerar a subjetividade de cada um e adequar as aulas para as suas necessidades. Assim, a educação é ofertada para todos, mas não incentiva a permanência de todos, que segundo Collares e Moysés (1996, p.259):

[...] uma instituição social que difunde os mitos da igualdade de oportunidades para todos e da ascensão social via escola, esse tipo de preconceito é fundamental para que o excluído socialmente se considere o responsável por seu “fracasso” e continue a crer e difundir que todos somos iguais.

O P13 demonstra ao decorrer das suas respostas traumas em relação a escola, assemelhando com uma prisão, inclusive em seu desenho coloca cercas, grades na porta e cadeado.

Figura 10 - Retrato da escola - prisão



Fonte: Acervo da pesquisa

Então, a escola que deveria ser um espaço de aprendizado torna-se um local que o indivíduo não se sente incluído, muito menos interessado e não fica a vontade, esse cenário muda apenas nos momentos do intervalo e da educação física, conforme o participante ressalta na questão sobre o que foi bom na escola.

Ao decorrer dos desenhos percebesse a importância dos estudos na vida desses adolescentes, apesar da figura 10 retratar o trauma com a instituição e de ainda prevalecer o método tradicional em alguns desenhos. A escola precisa ser um espaço de acolhimento em que os alunos se sintam interessados para continuarem os estudos, por isso a importância dos momentos de lazer e cultura. Os alunos querem aprender e conviver em um lugar que se sintam acolhidos e que possa ser ele mesmo, demonstrando que as escolas precisam se adequar para instigar cada vez mais o interesse dos discentes.

4.3 – A OSC e o público atendido

As OSCs são entidades sem fins lucrativos e que cooperam com o Estado em relação ao atendimento à sociedade. A OSC, na qual esta pesquisa foi aplicada, atende adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de Liberdade Assistida – LA, Prestação de Serviço à Comunidade – PSC e de Dupla Medida (LA + PSC). O presente trabalho aborda apenas os adolescentes de LA.

Essa OSC mantém-se com verba governamental, programas sociais e doações. A unidade possui um amplo espaço de área verde, hortas, sala de informática, local que separa reciclagem, cozinha e animais, como por exemplo, tartarugas. Os adolescentes realizam as atividades que possuem mais afinidade, como por exemplo, o manuseio na horta. Os assistentes sociais estão a todo momento com os adolescentes, dialogando constantemente com eles e nas datas comemorativas buscam presentear eles, como por exemplo, no natal eles ganham cesta de natal e presente para os adolescentes que são pais. A OSC oferta lanches para eles e no ano de 2022 foi realizado um projeto de aprendizagem para aqueles que possuíam dificuldades de aprendizagem e interesse em participar. Nesse projeto era reforçado a escrita e a leitura, pois era o que eles mais possuíam dificuldade, além de trabalhar com algumas questões sociais, como por exemplo, a importância do respeito ao próximo.

Segue abaixo os Quadros 1 e 2 com dados sobre a idade e a escolarização de jovens e adolescentes que cumprem medidas socioeducativas atendidos pela OSC, referentes ao mês de maio do ano de 2023.

Quadro 1 - Faixa Etária dos adolescentes / jovens em medida socioeducativa de LA - Liberdade Assistida – maio 2023

Ano nascimento	Idade	LA – Liberdade Assistida
2005	18 anos	20
2006	17 anos	16
2007	16 anos	14
2008	15 anos	9
2009	14 anos	1
2010	13 anos	1

Fonte: Elaborado pela autora.

O índice de adolescentes aumenta a partir dos quinze anos e a maioria possui dezoito anos. Essas informações vão ao encontro dos dados disponibilizados no Relatório da Pesquisa Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, no sentido de que em 2018 havia 117.247 adolescentes em medidas socioeducativas, sendo que 54.763 possuíam faixa etária de 16 a 17 anos, ou seja, há mais adolescentes com essa faixa etária. Além disso, comprova que há um aumento de adolescentes com 18 anos.

Quadro 2 - Escolaridade dos adolescentes / jovens em medida socioeducativa de LA - Liberdade Assistida – maio

Escolaridade	LA – Liberdade Assistida
Ensino Fundamental	17
Ensino Médio	17
Conclusão E. Médio	2
Curso Superior	0
Não cursa	23
DD (dados desconhecidos)	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os 61 adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em LA na OSC, 23 não estão frequentando a escola.

Dentre os diversos fatores, a experiência escolar negativa desponta na literatura como um dos preditores mais significativo do envolvimento infracional sério, na adolescência (Zhang *et al apud* Bazon; Silva; Ferrari, 2013, p. 176).

A escola não é um espaço acolhedor para esses alunos e ressalta as desigualdades sociais e o sentimento de incapacidade, desencadeando a evasão escolar e o desinteresse em continuar os estudos. Dessa forma, esses adolescentes buscam outros meios de aceitação sociais, como a criminalidade.

Outro fator evidente dentre os dados é a falta de perspectiva em relação ao Ensino Superior, pois nenhum dos adolescentes está cursando o Ensino Superior, isto porque não possui boas experiências no Ensino Básico o que lhes desencoraja a continuar os estudos e há um gasto para manter os estudos. Esse dado vai ao encontro do Censo da Educação Superior divulgado pelo Ministério da Educação e o Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de que apenas 25% dos indivíduos com 18 e 24 anos possuem acesso ao Ensino Superior. Dessa forma, há um aumento do incentivo para realizar cursos técnicos, ou para ser microempreendedor, ou trabalhar, a fim de contribuir financeiramente para a família, assim há uma conservação das classes favorecidas no Ensino Superior.

4.4 - Percepções dos adolescentes sobre a OSC

A OSC atende os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, com o objetivo de contribuir positivamente para as suas vidas de forma que melhorem suas condições de vida e busquem constantemente o conhecimento, isto é que continuem estudando.

Esse incentivo a mudança pode ser percebido nas repostas dos adolescentes referentes a participação na OSC, pois doze adolescentes relatam que a organização proporcionou mudanças em suas vidas, estimulando a autoestima, conforme o relato do P2 *gostar mais de mim mesma e uma mudança de melhora de vida;* e a mudarem seus pensamentos, principalmente em relação a criminalidade e a convivência com as pessoas, o que pode ser evidenciado nas seguintes falas:

P1 *não pença como antes;*

P5 *não entra na vida do crime;*

P8 *trouxe várias mudanças, ensinando como melhorar em várias coisas.;*

P9 *fez sobre refletir sobre coisas ruins e coisas boas ser uma boa pessoa com todo;*

P11 *melhoraram meu comportamento.*

Além disso, o P10 relata que ocorreram *várias coisas* de mudanças em sua vida. A OSC explica para os adolescentes quais são os seus direitos e lhes incentiva a continuarem os estudos, uma vez que possuem o direito ao acesso à educação, elucidado nas falas dos:

P12 *aprendese os direitos do jovem;*

P13 *me incentivou a fazer curso, a tirar a segunda via do RR.*

Ademais, incentiva a pensarem no futuro e no agora, inclusive na sua relação com as pessoas e familiares, conforme se observa no relato do:

P15 *a ser mais presente com a minha familia a gurda dinheiro e pensar no meu futuro;*

P16 *fez eu rerfletir sobre na minha vida no meu futuro.*

Entretanto, apesar dessas contribuições a OSC ainda não conseguiu atingir dois adolescentes e está buscando meios para contribuir para as suas vidas. Além disso, há dois participantes que relataram que estão frequentando há pouco tempo a OSC, então ainda não obtiveram mudanças.

A educação transforma os indivíduos, segundo Paulo Freire (1983), por isso, a OSC compreende a sua importância e o compromisso de encorajar os adolescentes. Assim, quinze participantes afirmam que a OSC incentiva a continuarem os estudos. Para esse incentivo a OSC utiliza, na maioria dos casos, o diálogo, elucidado nas seguintes falas:

P1 *eles conversa incentiva nos com as palavras deles.;*

P2 *coprando muito o estudos e falando sobre a importância dos estudos;*

P3 *falamdo;*

P9 *com o dialogo;*

P10 *eles conversam bastante;*

P12 *conversando;*

P14 *conversando comigo e me incentivando a voltar para os estudos.*

Além disso, aconselha esses adolescentes, como na fala do:

P8 em que *eles explicam que os estudos podem ajudar muito lá na frente;*

P13 *pois os estudos e importante para meus conhecimento;*

P15 *a procurar curços a sempre esta;*

P16 *pra melhorar os meus estudos.*

Portanto, os dados revelam que a OSC possui papel fundamental na formação desse grupo de adolescentes e contribui para mudarem suas concepções, a fim de buscarem melhorias e não seguir a criminalidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados expostos nesta pesquisa demonstram que os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas compreendem a importância da escola e querem estar nesse espaço, apesar do alto índice daqueles que não estão frequentando. Por isso, a importância de as escolas conhecerem essa realidade e realizarem ações para proporcionar um espaço acolhedor e que gere interesse nos educandos. Os momentos de lazer são muitos significativos nesse ambiente e podem ser implantados cada vez mais nas escolas e valorizados nas aulas. Além, de haver políticas públicas que proporcionem esses momentos fora dos espaços escolares para todos os integrantes da sociedade.

Os órgãos governamentais nem sempre aplicam políticas públicas efetivas que visem a permanência dos alunos nas escolas, que diminuam as repetências e as distorções idade-série. Além disso, falta a fiscalização efetiva nas instituições escolares para verificar se os alunos estão sendo incentivados a continuarem os estudos, se a escola está sendo um espaço acolhedor, se não há a exclusão, quais oportunidades estão sendo oferecidas para que todos aprendam de forma integral e se o planejamento escolar atende a subjetividade e necessidade dos discentes.

A OSC possui um trabalho fundamental de reinserção do adolescente na sociedade, contribui para compreenderem seus direitos e para incentivar a continuarem os seus estudos. Para isso, é preciso um trabalho que atenda a realidade do jovem, que propicie um ambiente acolhedor e destaque a importância dos estudos.

Diante dessa realidade, é preciso que os indivíduos saibam os seus direitos e busquem alterar a realidade. Os órgãos públicos devem ser cobrados para aplicarem políticas públicas que sejam efetivas para a educação e as mídias devem parar de disseminar os estereótipos e incentivar os estudos para todos, inclusive o curso superior. Uma vez que nenhum dos adolescentes dessa pesquisa se encontra na Universidade, além do processo excludente da educação, pois dos 61 adolescentes atendidos pela OSC, 37% não estão estudando.

Nesse sentido, as escolas ainda disseminam os estigmas que selecionam os que terão sucesso escolar, os excluídos que conseqüentemente terão o fracasso escolar, apesar da Constituição Federal de 1988 determinar o acesso e a permanência na educação para todos. Por isso, é necessário um trabalho intensivo dentro da escola para adequar conforme as necessidades do aluno e propiciar um ambiente acolhedor, de aprendizagem, sem estigmas e contribuir para a mudança de concepções na sociedade, ao invés de culpabilizar outros meios, como os familiares ou os alunos, e retirar a responsabilidade que a escola possui. Além, dos adultos compreenderem e respeitarem a fase da adolescência que ocorrem diversas mudanças, sendo que:

A escola também tem papel fundamental nesse processo, pois forma cidadãos, confirma muitos dos valores repassados pela família, é nela que acontecem as discussões de gênero, direitos iguais, acertos e erros da sociedade, onde podem formar conceitos, vivenciar outras realidades a partir da experiência dos outros colegas. Família e escola são os melhores orientadores, é preciso acompanhamento e conhecimento desta etapa da vida (Alves, 2020, p. 7).

Dessa forma, a convergência entre as orientações (Lahire, 1997), no caso aqui escola e família, facilita o interesse em aprender dos alunos. Isto requer uma conduta do docente nesta direção, a fim de que os alunos possuam boas lembranças e não traumas, contribuindo para a formação integral e incentivando a continuarem os estudos, pois na pesquisa nenhum dos adolescentes relataram o incentivo dele.

Conclui-se pela demanda de um trabalho extensivo na sociedade para acabar com os estigmas e a inclusão desses adolescentes, principalmente de políticas públicas. Por isso, esta pesquisa deve continuar para compreender a realidade de outros jovens que cumprem medidas socioeducativas e se as políticas públicas existentes estão sendo efetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Lucas. **Algumas considerações sobre a adolescência**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Almedina, 1º edição, Jun/2011.
- BAZON, Marina, SILVA, Jorge e FERRARI, Renata. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 29, nº 02, p. 175-199, Jun 2013.
- BORJA, Izabel e MARTINS, Alcina. Evasão escolar: desigualdade e exclusão social. **Revista Liberato**. Novo Hamburgo, v. 15, n. 23, p. 01-104, Jan/jun. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Revista Francesa de Sociologia**. Paris, 7 (3), p. 325-347, 1966.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943**. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Lex: coletânea de legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Medidas Socioeducativas**. <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/medidas-socioeducativas>
- BRASIL. **Relatório da Pesquisa Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Sistema Único de Assistência social**, 2018. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/relatorios/Medidas_Socioeducativas_em_Meio_Aberto.pdf
- CAMPOS, Claudinei. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Bras Enferm**. Brasília (DF), set/out 2004.
- COLLARES, Cecília e MOYSÉS, Maria. **Preconceitos no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez, 1996.
- COSTA, Silvio. **Evasão no Ensino Superior**: a voz dos evadidos. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.
- DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, nº 119, Julho 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GONÇALVES, Maria Elizete, RIOS-NETO, Eduardo e CÉSAR, Cibele. A evasão escolar no ensino fundamental e sua associação com a pobreza. **Revista Desenvolvimento Social**. Montes Claros, nº 2, Dez 2008.

KRENZINGER, Miriam e SOARES, Luiz Eduardo. Evasão escolar, violência e políticas intersetoriais. **O social em questão**. Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 46, p. 21-46, Jan a Abr/2020.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MORAIS, Juscislayne e FERREIRA, Maria. Os desafios na escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida. **Revista de Políticas Públicas**. Maranhão, vol. 23, núm. 2, p. 621-639 2019, Julho/2019.

PATTO, Maria H. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Intermeios, 2015.

RIBBEIRO, Leonardo. Brasília, out/2023. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/apenas-25-dos-jovens-entre-18-e-24-anos-tem-acesso-ao-ensino-superior-diz-levantamento/>

UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar**. Janeiro/2021

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

1. Idade: _____

2. Sexo:

Feminino

Outros

Masculino

Prefiro não declarar

3. Você está trabalhando?

Sim

Não

Se sim, qual função exerce? _____ E em qual carga horária? _____

4. Você está na escola?

Sim

Não

Se sim, em que ano? _____

5. Como foi a sua experiência escolar?

Muito boa Boa

Muito ruim Ruim

6. Sobre a escola, descreva:

O que foi bom:

O que foi ruim:

7. Escreva três palavras lembram a escola para você:

_____;

_____.

8. Se a escola fosse um animal qual seria?

9. Quem te incentivou nos estudos?

- Mãe Pai Avô
- Avó Padrinho Madrinha
- Ninguém Professor

Outro: _____

10. Para você a escola poderia ser diferente?

- Sim
- Não

Como?

11. A organização onde participa incentiva você a continuar os estudos?

- Sim
- Não

Como?

12. Participar da organização trouxe alguma mudança para você?

- Sim
- Não

Qual?

13. Faça um desenho retratando a escola para você